

O PODER DO LÚDICO: ELEVANDO A INFÂNCIA CIGANA ATRAVÉS DO BRINCAR E MOLDANDO POLÍTICAS DE RECONHECIMENTO¹

Maria Marques
Pesquisadora Independente

Apresentação

O presente artigo, parte de uma tese defendida em 2023, explora a importância do brincar na cultura das crianças Calon do acampamento Mathias, em Quissamã, Estado do Rio de Janeiro. Este estudo propõe que as brincadeiras transcendem a simples ludicidade, constituindo um elemento essencial para a preservação da identidade cultural cigana. No contexto da infância Calon, o brincar se revela como uma prática cultural rica e multifacetada, crucial para o desenvolvimento integral das crianças e para a perpetuação das tradições ancestrais.

Em relação ao brincar, Luciana Brites (2020) destaca que as brincadeiras vão além de uma mera ocupação infantil, representando um aspecto vital do desenvolvimento e sendo reconhecidas como um direito legal. Adriana Friedman (2013) corrobora essa visão ao argumentar que a infância deve ser caracterizada por "sensações, sabores, cores, brincadeiras", enfatizando a necessidade de superar percepções romantizadas dessa fase. Complementando essa perspectiva, Maria Inês Delorme (2019) afirma que as crianças habitam um mundo imaginário próprio, distinto da lógica adulta, onde a brincadeira desempenha um papel central.

Maria Marques (2023) introduz os conceitos de "campo-brincante", "criante-brincante" e "criante-narrante" para descrever a dinâmica lúdica das crianças Calon. A pesquisadora observa que a presença de brinquedos é útil, mas insuficiente para definir um criante-brincante, cuja essência reside na habilidade de integrar elementos culturais infantis, criar narrativas e movimentos, refletindo a riqueza cultural em suas brincadeiras.

A questão central deste estudo é: Como as práticas lúdicas das crianças Calon de Quissamã refletem e negociam suas identidades culturais em meio à tensão entre tradições ciganas e influências modernas? Para responder a essa questão, adotou-se uma metodologia que combina etnografia e fotoetnografia, conforme discutido por Hammersley (2022) e Andrea Barbosa (2016). Estas abordagens permitiram uma imersão

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

profunda no universo lúdico infantil, capturando nuances das interações das crianças através de fotografias, vídeos e observação participante. Entrevistas com as crianças de 7 a 10 anos, seus pais e outros membros da comunidade Calon complementaram a análise, proporcionando uma compreensão abrangente das dinâmicas culturais em jogo.

Este estudo é pioneiro ao focar exclusivamente no ato de brincar dentro da comunidade Calon, diferenciando-se de pesquisas anteriores que se concentraram em aspectos educacionais e de integração social (MONTEIRO, 2017). Além de enriquecer o conhecimento acadêmico, os insights gerados têm o potencial de influenciar políticas públicas de educação e integração cultural, promovendo uma abordagem educacional inclusiva e sensível à diversidade.

Os resultados da pesquisa revelaram que as crianças Calon utilizam o brincar como um meio eficaz de expressão e negociação de suas identidades culturais. Observou-se que as brincadeiras incorporam elementos tradicionais e modernos, refletindo uma adaptação contínua às influências externas sem perder de vista as raízes culturais. As narrativas lúdicas de Moisés Soares, de sete anos, e Brian Soares, de quatro anos, exemplificam como as crianças criam e recriam suas identidades por meio do brincar, integrando gestos, movimentos e histórias que refletem tanto a herança cultural Calon quanto as influências contemporâneas.

Ao documentar e analisar as práticas lúdicas das crianças Calon, esta pesquisa não apenas contribui para a preservação cultural, mas também desafia estereótipos negativos, destacando a complexidade e a criatividade inerentes a estas tradições. Assim, os resultados sublinham a importância de práticas educativas que respeitem e valorizem a diversidade cultural, oferecendo uma visão valiosa sobre como o brincar pode servir como um meio de expressão e negociação de identidades culturais.

Reflexões pandêmicas do começo da pesquisa: inspiradas por poesia e por antropologia

Não tenho bens de acontecimentos.
O que não sei fazer desconto nas palavras.
Entesouro frases. Por exemplo:
-Imagens são palavras que nos faltaram.
- Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.
Ai frases de pensar!
Pensar é uma pedreira. Estou sendo.
Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo).
Concluindo: há pessoas que compõem de atos, ruídos, retratos.
Outras de palavras.
Poetas e tontos compõem com palavras.

Manoel de Barros (2017)

Iniciamos a pesquisa embasados nas reflexões poéticas de Manoel de Barros, capturadas em sua obra de 2017. "Não tenho bens de acontecimentos," medita Barros, uma expressão que ressoa profundamente durante a pandemia, um período de isolamento e de introspecção. A pesquisa em foco aborda uma comunidade cigana, tradicionalmente negligenciada por acadêmicos não ciganos e marginalizada pelas políticas públicas. Diante da escassez de interações diretas, provocada pelas restrições sanitárias, no início da pesquisa, as palavras de Barros, "O que não sei fazer desconto nas palavras," parecem descrever o desafio de capturar a essência desse povo através do limitado acesso digital na época pandêmica do Covid-19.

Esta investigação se debruça sobre as sutilezas da cultura Calon², cuja representação é frequentemente confinada a estereótipos ou misticismos. Em Quissamã³, onde a diversidade religiosa inclui catolicismo, práticas esotéricas e evangelismo, os Calon espelham a religiosidade do entorno, mantendo, contudo, uma conexão indelével com seus ancestrais. As escassas visitas ao campo etnográfico foram suplementadas por

² *Calon* é o grupo étnico cigano pesquisado nestes escritos. Sempre usaremos os nomes *Calon*, (homem cigano) *Calin*, (mulher cigana), *Gadje*, (homem não cigano) *Gadjin* (mulher não cigana) no singular quando houver indicação de plural. A frase "Os Calon de Quissamã" indica um grupo da etnia Calon em Quissamã. O artigo 'Os' sinaliza o plural, similar a exemplos como 'Os Sioux' ou 'Os Navajo', onde o nome da etnia não muda no plural.

³ Quissamã é um município no norte do Rio de Janeiro, Brasil, conhecido por sua história ligada à cana-de-açúcar. Com cerca de 24.000 habitantes, a cidade é um local relevante para estudos etnográficos devido à sua diversidade cultural e preservação de tradições afro-brasileiras, como o Quilombo Machadinha.

trocas virtuais com Calin Virgínia Barreto, cujo celular de seu esposo Disson, se tornou uma janela preciosa para essa comunidade fechada.

A pandemia intensificou a necessidade de adaptar as metodologias antropológicas. Inspirada por Vagner Gonçalves da Silva (2015), que enfatiza a dinâmica imprevisível do trabalho de campo, migrei para uma abordagem fotoetnográfica. A reflexão sobre a interação das crianças Calon, observadas de forma remota, revelou-se um mosaico rico de brincadeiras e de interações sociais, elementos que só poderiam ser justamente retratados através da lente poética sugerida por Barros. A poesia, então, tornou-se não apenas um método de expressão, mas um instrumento analítico que destaca a "ocupação da Imagem pelo Ser".

Este estudo busca não apenas documentar, mas também enriquecer o entendimento acadêmico sobre a diversidade cigana, desafiando o reducionismo e expandindo a narrativa além do espiritual. A descoberta da vacina, um marco na pandemia, também marcou uma transição em nossa metodologia, permitindo uma abordagem mais holística e empática, que abraçou tanto a poesia quanto a antropologia para capturar a plenitude da experiência cigana.

Ao me inspirar em Barros para desenvolver a escrita, não apenas escolhi um estilo literário que ressoa com a simplicidade e a profundidade das experiências infantis, mas também enfatizei a importância do olhar atento e sensível ao estudar culturas e práticas que são frequentemente marginalizadas ou mal interpretadas. O poeta de infâncias, em suas obras, frequentemente desafia as normas e as expectativas ao focar no aparentemente insignificante, revelando sua verdadeira beleza e complexidade. Não se trata de ser apenas uma escolha estilística, mas um fundamento metodológico que alinhou toda a pesquisa com uma tradição literária que valoriza a observação detalhada, a celebração da vida cotidiana e a reconstrução de narrativas a partir de fragmentos e de memórias. Isto ressoa com a maneira como as crianças experienciam e constroem seu mundo através do brincar: um processo que é ao mesmo tempo criativo, revelador e profundamente enraizado em suas tradições culturais.

Rodrigo da Costa Araujo (2022) discute amplamente a poética de Barros, especialmente como ela se relaciona com a infância e a capacidade de ver o mundo através de uma lente de maravilhamento e de novidade. Ele destaca que Barros consegue, por meio de sua linguagem única e imagética, capturar a essência da infância como um estado de constante descoberta e encantamento. O autor também explora como a linguagem de Barros, frequentemente centrada na natureza e nos elementos simples da terra, pode ser

um paralelo intrigante para entender como as crianças interagem com seus ambientes. A maneira como Barros dá voz ao pequeno e ao aparentemente insignificante oferece uma lente através da qual podemos observar e valorizar as práticas das crianças ciganas, que podem ser igualmente vistas como marginais ou menores dentro de contextos sociais mais amplos.

Além disso, Araujo salienta que Barros desafia as noções convencionais de linguagem e de narrativa, o que pode inspirar métodos de pesquisa que buscam entender as vozes das crianças de maneiras não tradicionais. Este aspecto é crucial para os escritos Calon, pois enfatiza a necessidade de abordar as narrativas das crianças Calon de Quissamã com um olhar fresco e inovador, valorizando suas perspectivas únicas.

A partir da análise das informações apresentadas, a subsequente narrativa sobre as brincadeiras dos meninos Calon Brian e Moisés permite compreender que, à semelhança das culturas ciganas, as atividades lúdicas das crianças Calon espelham suas narrativas e contextos singulares. Estas brincadeiras constituem um microcosmo da diversidade cultural, aspecto que Shimura (2023) ressalta em seus estudos.

Por exemplo, ao negociar carros ou escolher roupas para brincar, Brian e Moisés expressam suas identidades e o rico mosaico de influências que fazem parte de seu dia a dia. Cada jogo, cada diálogo, reflete as distintas maneiras como as crianças Calon vivenciam e interpretam sua cultura, contribuindo para o mosaico de práticas e de tradições dentro da comunidade.

O brincar, embora muitas vezes relegado a um segundo plano diante de temas urgentes que afetam a comunidade cigana, é uma prática incontornável para a compreensão plena de sua cultura. É através do brincar que as crianças Calon se engajam com o mundo, uma janela que se abre para suas interações sociais, aquisição de conhecimento, e de crescimento psicológico.

Desconsiderar o brincar é omitir um aspecto fundamental do desenvolvimento humano; é ignorar um domínio onde a criatividade e a empatia se originam e prosperam. É através das brincadeiras que as crianças expressam a pureza de suas visões de mundo, compartilhando uma linguagem que transcende barreiras culturais e linguísticas. Ao valorizar esses momentos, afirmamos a essência da infância e respeitamos a complexidade e a riqueza da cultura Calon.

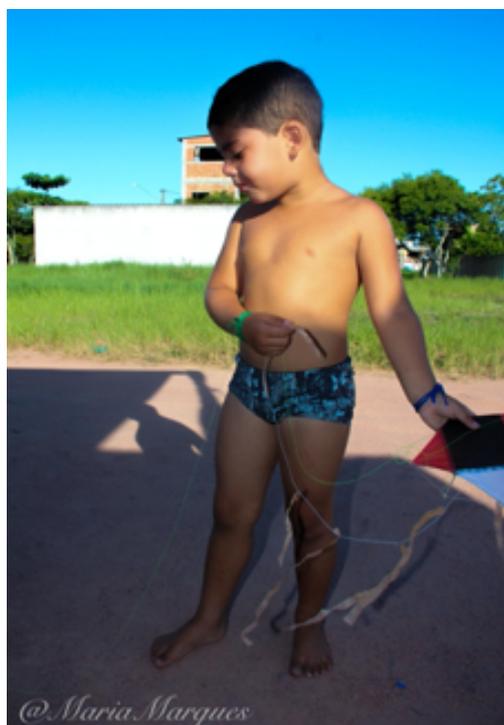
Reconhecer o valor do brincar não é somente uma celebração da alegria infantil; é uma prática que destaca a diversidade cultural e desafia estereótipos. Isso serve como um lembrete poderoso de que, apesar dos estereótipos e dos desafios, o direito à infância,

incluindo todos os seus direitos de exploração, aprendizado e desenvolvimento, é universal e deve ser protegido e promovido.

A pesquisa sobre as brincadeiras das crianças Calon, devido à sua natureza transversal, enriquece o debate sobre temas mais amplos da vida cigana, incluindo estereótipos, gênero e políticas públicas. Ao evidenciar como as crianças ciganas interagem em suas brincadeiras, desvendamos aspectos de suas vidas que contrariam concepções preconcebidas e proporcionam tanto à sociedade em geral quanto aos estudiosos uma compreensão mais profunda e valiosa dessa comunidade vibrante e resiliente.

Antes de explorarmos as narrativas dos meninos Calon, vamos contextualizá-las

Figura 14: Brian Soares



Fonte: Acervo pessoal da autora

Na imagem, vemos Brian, um menino Calon de quatro anos, movendo-se furtivamente com uma pipa vibrante, símbolo de um passatempo típico das crianças de

⁴ É importante destacar que durante o decorrer da pesquisa, obtivemos o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* devidamente assinado pelos responsáveis legais das crianças envolvidas, bem como pelas próprias crianças, autorizando o uso de suas imagens no contexto do estudo. Esses documentos garantem a conformidade ética e legal de nossa pesquisa, protegendo os direitos e a privacidade das crianças e de suas famílias.

Quissamã. O ambiente retratado é uma via típica de zona residencial Calon, que para Brian transforma-se em um espaço repleto de possibilidades para criar histórias. Atrás dele, o panorama urbano pacífico Calon, pontuado por casas distantes de não-ciganos e uma área verde, destaca a ordinariedade do local em contraste com a excepcionalidade de sua ação.

Naquele instante, Brian estava prestes a desdobrar uma narrativa fascinante com Moisés Soares, outro menino Calon de sete anos. Mesmo com um método sutil, Brian traz consigo relatos que superam sua presença física. As histórias que compartilharão certamente refletirão as complexidades e nuances de suas vivências, sonhos compartilhados e o legado profundo de sua comunidade. A representação de Brian, imortalizada na fotografia, é meramente a camada visível de um universo culturalmente denso e historicamente enraizado que ambos exploram e enriquecem com suas interações diárias e jogos.

Optando por incluir o relato de Brian e de Moisés nesta composição, é crucial notar que se trata de uma experiência autêntica, embora narrada de forma lúdica e oral por duas crianças Calon em um ato de imaginação. O foco emergente desses diálogos foi a negociação e disputa por marcas de automóveis no contexto em que vivem. Notoriamente, para os Calon de Quissamã, possuir um veículo às vezes simboliza status entre os mais jovens, particularmente quando envolve marcas renomadas e dispendiosas. Para os adultos, isso representa capital reservado para futuras transações.

Durante a troca automobilística entre os meninos Calon, foi possível detectar momentos de diversos sentimentos, de injúrias a desavenças amenas por uma rivalidade sobre quem possuía o carro superior. A interação entre eles era marcada por um descontentamento ingênuo, evidenciado pelo tom de voz e de gestos, mas desprovido de agressividade severa. Esse descontentamento originava-se das intenções recreativas dos jovens, manifestadas de modo ingênuo e puro. Brian e Moisés não simulavam ser príncipes, soldados ou reis; eles imitavam atividades típicas Calon, como adquirir automóveis e se "vestir para o baile," conforme Brian expressou.

Observando os diálogos desses jovens, nós, os "brasileiros⁵", reconhecemos o significado dessa mercadoria para a troca e o comércio entre eles. Por meio dos relatos de Brian e de Moisés, somos educados e informados sobre a cultura Calon e como

⁵ Assim nos chamam em Quissamã, os não ciganos.

valorizam e comercializam seus bens. Esta visão oferece uma compreensão aprofundada dessa comunidade e de suas práticas.

O traje de Brian, na foto acima, uma simples vestimenta de banho, levantou questões sobre o vestuário usual entre os jovens Calon. Questionado, Brian insistiu que tal costume era comum, uma alegação rapidamente contestada por Moisés com um enfático "mentira tia, é só ele!" Esta discrepância nas respostas suscita um mistério: por que Moisés, geralmente não sincero, contestaria tão veementemente a declaração de Brian?

Nas fotografias a seguir, obtemos uma visão autêntica da cultura Calon por meio das interações entre Brian e Moisés. Decidi usar predominantemente fotos em preto e branco para documentar as narrativas dos meninos Calon, com exceção desta imagem colorida que inicia a contextualização de interações. Esta escolha visual sem cores pretende realçar as vozes das crianças como os narradores principais de suas histórias diárias, transformadas em brincadeiras. De acordo com Marques (2023), tal abordagem permite que Brian e Moisés se tornem os "criantes-narrantes" de suas vivências, conduzindo o leitor por suas jornadas de descoberta e de exploração. O uso de preto e branco adiciona um elemento de intemporalidade, destacando a universalidade das experiências infantis e a importância de seus jogos como meios de expressão e de compreensão do mundo.

É crucial destacar que optei, inicialmente, por apresentar o texto sem intermediários teóricos para ampliar ainda mais as vozes infantis. Ao ler as falas de Brian e de Moisés, negociando marcas de veículos, provavelmente, o leitor se diverte e se envolve com suas histórias. A escolha de imagens em preto e branco, juntamente com a inserção direta das vozes infantis no texto, reforça o conceito de "criante-narrante" proposto por Marques (2023), em que meninos Calon criam, velozmente, suas narrativas.

Enquanto observava as brincadeiras, mantive meu papel estritamente como observadora, o que me permitiu documentar os eventos com clareza e fluidez, assegurando que as vozes infantis permanecessem no cerne da narrativa. Esta metodologia destaca a relevância da oralidade na historiografia, como discutido por Portelli (1997), que critica a desvalorização da oralidade no meio acadêmico, argumentando que as transcrições orais podem oferecer percepções mais profundas e precisas sobre grupos sociais cuja história escrita é escassa ou distorcida.

Ao transcrever essas interações, empreguei onomatopeias e transcrições que capturam a vivacidade e o dinamismo do diálogo infantil, transformando a oralidade em

texto simbólico. Portelli (1997) observa que, para tornar as transcrições legíveis, é frequentemente necessário inserir sinais de pontuação, que são adições arbitrárias do transcritor. Além disso, ao discutir as vestimentas tradicionais dos Calon, dialoguei com Ferrari (2010, pp. 148-150) para fornecer contexto e profundidade à descrição cultural. Ferrari relata que os homens Calon frequentemente usam cintos de couro com grandes fivelas decoradas com figuras de cavalos ou touros e inscrições como "Cia de rodeio" ou "Bodacious", um touro notório por sua fúria.

Neste contexto, a menção de Brian sobre vestir uma "roupa de Gustavo Lima" naquela tarde ilustra a influência cultural na comunidade de Quissamã. Ele se referia à sua preparação para a "breganha", um termo local para o ato de comercializar. Esta escolha de vestimenta não é meramente estética, mas também uma parte integrante do aprendizado e da prática comercial dentro de sua cultura. Conforme Ferrari (2010), eles também carregam celulares pendurados na cintura, canivetes em estojos de couro, e botas de couro de vários modelos, algumas pontiagudas e com saltos, coloridas e adornadas com couro ou metal. Esses detalhes não apenas informam sobre aspectos específicos da cultura Calon, mas também reforçam a riqueza e a complexidade da comunidade que Brian e Moisés representam.

Intrigada por esse diálogo, decidi focar minha atenção nos dois. Como narradora, optei por não abusar do discurso indireto para relatar suas falas, preferindo imergir e documentar seu universo lúdico conforme se manifestava. A decisão de preservar a pureza da imaginação infantil levou-me a permitir que as vozes dos meninos Calon conduzissem essa narrativa. O objetivo é capturar como se expressam e criam seu próprio cosmos imaginário, mantendo-me uma observadora não intervencionista, fiel às minhas práticas etnográficas. Esta abordagem possibilitou registrar a essência da criatividade das crianças e conceber uma narrativa autêntica e envolvente.

Assim, convido o leitor a se deleitar com o diálogo e com a imaginação dos meninos Calon de Quissamã, expressões vivas de sua rica herança cultural.

As narrativas infantis Calon - Qual o carro que é seu?

Figura 2 - Meninos Calon brincando de carro



Fonte: Acervo pessoal da autora

Num diálogo espontâneo que reflete a essência do cotidiano infantil, Brian observa a vestimenta de Moisés e exclama: "O teu é de Capitão América⁶." Com uma simplicidade direta, Moisés retruca: "Não!" Persistente, Brian sugere: "Então, se não é de Capitão América, é de baile" – reforçando sua percepção. Moisés, em uma linguagem corporal expressiva, aponta o dedo indicador e nega com um gesto, esclarecendo: "Não é agora, é depois, depois, depois..." Esta interação revela a intenção de Moisés de usar a vestimenta de baile em um momento futuro, especificamente à noite, para acompanhar seu pai nas atividades de negociação.

O assunto evolui para as tradições em vestimenta dos jovens Calon, especificamente aquelas adotadas durante os finais de semana, momentos de aprendizado no comércio com os mais velhos, em pontos de encontro como o bar do acampamento Mathias, em Quissamã. As crianças, normalmente vestidas com blusas xadrez, calças justas, fivelas proeminentes e botas coloridas de caubói, imergem em um contexto cultural que é tanto uma exibição quanto um rito de passagem. "Minha roupa é de Gustavo Lima, de baile!". Em meio a esse cenário, Brian imagina elevar sua elegância noturna ao estilo do cantor sertanejo Gustavo Lima, e, ao mencionar tal figura, Brian finalmente

⁶ O menino se refere à estampa da camisa de Moisés.

conquista a concordância de Moisés, solidificando seu ponto de vista e encerrando o debate sobre vestimentas. As criações mirabolantes dos meninos continuam, afinal, são “criantes-narrantes”.

A conversa então se desloca para um tema favorito no acampamento: automóveis. "Qual o carro que é seu, um Fusca?" questiona Moisés, incitando Brian: “Não, o meu é um Camaro!”, um veículo altamente valorizado na comunidade de Mathias. Moisés, mantendo-se resiliente no diálogo, afirma suas próprias aspirações automotivas: "Eu vou comprar uma Hilux, vou comprar um Saveiro." A narrativa se entrelaça com a realidade, já que o pai de Moisés é frequentemente visto em uma Hilux nas fotografias da pesquisa. Brian, com fervor competitivo, retruca: "Não, Saveiro é minha, meu pai compra um monte." A discussão, embora enraizada em desejos infantis, ressoa com as preocupações adultas, como o custo do combustível que restringe o uso de veículos. “Saveiro, bebe menos!”, retrucou Brian.

A competição entre Moisés e Brian se intensifica. Moisés anuncia audaciosamente: "Vou comprar três Hilux e pisar, eu piso com freio de mão rodando." Ele encena a manobra, e, embora a transcrição escrita não capture os gestos vívidos de Moisés ao "dirigir", a imagem anterior estimula a imaginação. Presumimos que Moisés esteja replicando as acrobacias automotivas mencionadas pelos mais velhos, conhecidas como "cavalinho de pau". A criação de narrativas entre os dois meninos Calon revela uma dinâmica de igualdade e uma narração brincante, repleta de emoções autênticas e vigorosas, que continuam a tecer a trama de competição motorizada.

Em meio ao “campo-brincante”, Brian e Moisés travam uma corrida imaginária de Saveiro e de Hilux, seus corpos vibrando ao ritmo dos "vrum vrum" fervorosos, enquanto avançam pela estrada de terra vermelha. Como se impulsionados por motores de foguete, seus passos levantam uma fumaça escarlate, emulando o calor do sol que cobria Mathias. O som de suas risadas se funde ao barulho simulado dos motores, "vroom vroom", deixando para trás nuvens de poeira que, como fogos de artifício, desenham figuras efêmeras no ar. Nessa corrida alimentada pela paixão e pela fantasia, o vencedor conquistará mais do que uma linha de chegada: será coroado como o soberano daquela trilha incandescente.

Com o ardor típico de competidores dedicados, Brian e Moisés aceleram suas máquinas fictícias com estrondos imaginários, "vrum vrum", cortando a estrada de terra e marcando o ar com o "puff puff" da poeira que se eleva. Suas vozes, repletas de excitação, competem com o eco dos motores, criando uma orquestra de adrenalina e de

euforia juvenil. As curvas do caminho se transformam em desafios vibrantes, cada "zoom zoom" trazendo uma nova onda de emoção. De repente, em um golpe dramático, Brian simula o som de freada, "brooommmm", e segura Moisés, proclamando suas intenções de expansão automobilística: "Agora, estou com um Camaro, uma Land Ram, uma Camionete, e um Polo".

Os planos ambiciosos de Brian inspiram Moisés a retorquir com sua própria promessa de aventura automotiva, "vroom vroom", descrevendo a euforia de dirigir até que a gasolina se esgote. A brincadeira prossegue, os meninos correndo freneticamente pela rua de terra vermelha, onde minha observação etnográfica se situa, cercada pelas barracas do acampamento.

No auge da narrativa, os "criantes-narrantes" Brian e Moisés interrompem a corrida para uma pausa dramática. Brian, ansioso para validar suas alegações, anuncia seu plano: "vou buscar outro carro, um Dodge Ram", um modelo notavelmente poderoso e caro. As emoções fervem e os insultos voam; o calor do momento é palpável. Perdida entre os modelos de carro que me são estranhos, observo enquanto os meninos, verdadeiros "criantes-narrantes", tecem narrativas ricas e vibrantes.

Quando a tensão aumenta, surge Josivaldo, um garoto de 12 anos, intervém com autoridade, em chibi (língua dos Calon), que eu nada entendi. Mas instando-os a moderar a linguagem, grita em português: "Ei, o que está acontecendo aqui, vamos para com essa briga!". Nas dinâmicas Calon, os mais novos tendem a respeitar os mais velhos, e Brian se afasta, permitindo que Moisés dê início a um novo jogo. Ele é um "criante-brincante" incansável, um inventor nato de diversões e de brincadeiras.

Observo, então, o semblante de Moisés iluminado por uma energia incontida, suas bochechas rubras e cabelos dourados brilhando como ouro ao sol. "Po #@%, a brincadeira é de imitar carro, ca & #%! @! Vamos continuar com ela!" Sua disposição para a brincadeira é inabalável, e a magia da infância continua a arder brilhante naquela tarde no acampamento Mathias.

Figura 3- Meninos Calon dançando e imitando um carro



Fonte: Acervo pessoal da autora

A fotografia que temos aqui evidencia uma reviravolta lúdica no universo infantil do acampamento: a corrida de carros velozes cede lugar a uma cena de meninos dançantes. As figuras em movimento capturadas na imagem refletem essa transição dinâmica, onde a energia antes voltada para a competição agora se traduz em ritmo e em expressão corporal.

Neste novo cenário, Nóia⁷ se aproxima, acompanhada por sua neta e seu cachorro: "Quero saber o que está acontecendo ai!". Apesar de estar instalada numa barraca⁸ um pouco mais afastada no acampamento, seu olhar atento acompanha as atividades das crianças. É importante ressaltar a importância da vigilância comunitária sobre os mais jovens no contexto Calon. Nóia, com sua aproximação, ilustra esse zelo característico, movida pela preocupação e pelo desejo de assegurar que o que se desenrola à sua frente é, de fato, apenas mais um ato na peça teatral da brincadeira infantil.

⁷ Minha primeira interlocutora quando a pesquisa começou em Carapebus, município adjacente a Quissamã.

⁸ Nóia é uma cigana nômade, não possui residência fixa. Sempre que pode “pousa” em Mathias e pratica a leitura de mão no centro de Quissamã.

Figura 4- Brian, o malabarista



Fonte: Acervo pessoal da autora

De repente, a dinâmica do jogo no acampamento Calon de Quissamã transita com fluidez: a corrida imaginária de carros velozes cede espaço para uma pausa. O cansaço da disputa automobilística leva os meninos a uma mudança de atividade, e Brian, captado pela lente da câmera, embarca em uma nova performance, "Sou de circo, vou jogar as bolas agora" desta vez de malabarismo. Com as "bolas de imaginação", ele executa os gestos que observou no circo, que estava em Quissamã, lançando-as de uma mão para outra em um balé de destreza e de concentração.

Enquanto Brian encena seu ato de malabarista, continua a presença atenta da Calin Nóia que se faz notar, dando fim a passagem de interromper a brincadeira. A Calin traz consigo a preocupação natural de uma comunidade onde o bem-estar coletivo, que é prioritário. Como dissemos, sua aproximação não é intrusiva, mas reflete o instinto de supervisão comum entre os Calon, uma extensão do espírito comunitário que vigia e protege, especialmente os mais jovens.

No acampamento, as brincadeiras são vivenciadas com liberdade e raramente interrompidas pelos adultos, o que contrasta com a realidade das crianças não ciganas. Esta prática respeitosa permite que as crianças Calon explorem e aprendam dentro do seu próprio ritmo e imaginário. No entanto, as interações e o cuidado constante, como

exemplificado pela atenção de Nóia, são pilares dessa comunidade que se estende para além dos laços de sangue, abraçando cada indivíduo como parte de uma grande família.

Este episódio ressalta não só a maleabilidade das brincadeiras infantis, mas também a rapidez com que as crianças Calon se adaptam e reinventam seus jogos, mesmo frente a interrupções inesperadas. É uma celebração da infância e uma janela para a cultura Calon, onde a brincadeira é uma linguagem universal, tão expressiva e variada quanto as palavras de um poema.

Figura 5- Descansando de direção e malabarismos



Fonte: Acervo pessoal da autora

A brincadeira dos meninos Calon revelou um conhecimento surpreendentemente detalhado sobre carros, um tema que eles abordaram com entusiasmo e seriedade. Durante a brincadeira, Brian interrompeu a narrativa sobre o circo com uma declaração assertiva direcionada a Moisés: "Esqueça essa história de circo, Hilux vale mais do que o circo." Com essa fala, Brian não apenas desviou o foco da conversa, mas também instigou uma competição espontânea, na qual Moisés, respondendo ao desafio: "Tô acelerando minha Hilux!", superando Brian na corrida imaginária.

Na foto acima, após a disputa acirrada, outro momento de calma se instalou mais uma vez entre os meninos. Decidiram então se acomodar na Frontier, que me pertencia, que, em seus olhos e em suas brincadeiras, assumia o papel de uma Hilux — a camionete que eles imaginavam ser do pai de Moisés. Sentados na velha camionete, eles deixaram a adrenalina da corrida se dissipar. Foi então que Brian, sempre pronto para

inovar nas brincadeiras, propôs uma nova atividade: "Agora vou brincar de Corolla, outro carro," sugerindo assim uma mudança no cenário imaginativo de suas aventuras. Essa transição da brincadeira indicou não apenas a criatividade incessante de Brian, mas também como as crianças utilizam objetos do cotidiano para alimentar suas imaginações ricas e vívidas. São "criantes-brincantes", por excelência. Ao optar por sentar na camionete e deixar suas mentes vagarem, as crianças demonstraram a capacidade de transformar qualquer cenário em uma plataforma para a imaginação e para a aprendizagem lúdica.

Conceituando o Ato de Brincar

Figura 6- Descansando de direção e malabarismos



Fonte: Acervo pessoal da autora

Capturado em um instante de calma, o menino Calon na fotografia parece perdido em pensamentos, ponderando sobre sua próxima brincadeira. A intensidade de sua infância é palpável, mesmo em repouso, refletindo a efemeridade dos momentos de uma criança, onde cada minuto de jogo se entrelaça com o próximo numa sucessão rápida e vívida.

Brian está nervoso. Este incidente ilustra como Brian, um menino com tendência a perder a paciência, frequentemente se envolve em conflitos, refletindo uma dinâmica familiar onde sua mãe, Calin Larissa, enfrenta dificuldades para manejar essas explosões de temperamento. Este padrão de comportamento é observado comumente entre os

adultos, que por vezes adotam o castigo como forma de controle, sem considerar as particularidades do comportamento infantil.

Janusz Korczak (1981), ao abordar as interações entre crianças, nos oferece uma perspectiva profunda sobre como elas medem suas forças e resolvem conflitos. Como o autor de infância descreve, as crianças têm um método próprio de ajustar suas forças durante os confrontos, evitando causar danos sérios uns aos outros, e normalmente cessam a disputa assim que um deles se imobiliza. Esta abordagem destaca a natureza das brigas infantis, que são mais um teste de limites do que expressões de agressão desmedida.

A contextualização do autor da infância é crucial para entender a complexidade das emoções que as crianças experimentam durante suas brincadeiras e também ressalta a discrepância entre a força física dos adultos e a delicadeza necessária ao lidar com conflitos infantis. Os Calon, como demonstrado ao longo da pesquisa, exibem um profundo afeto por seus filhos e geralmente resolvem as disputas entre as crianças de maneira cuidadosa e respeitosa. A comunidade Calon valoriza a resolução pacífica de conflitos, com os pais intervindo apenas quando necessário para garantir a justiça e o bem-estar das crianças envolvidas.

Na imagem descrita, a ação de Brian ao simular a frenagem de seu carro imaginário com um "brooommmm" em resposta à aproximação de Moisés ilustra como as crianças Calon utilizam a imaginação e o jogo simbólico como ferramentas essenciais na comunicação e resolução de conflitos. Este momento captura a essência das interações infantis, onde o faz de conta serve não apenas como entretenimento, mas como um meio vital para negociar e entender o mundo ao seu redor.

Gandhy Piorsky (2016, p.24) aborda a imaginação no contexto lúdico como uma síntese vibrante de produção material, gestual e narrativa. Conforme o autor, a metodologia adotada para a elaboração de seus textos fundamentou-se na "fala livre", uma técnica que permite a expressão autêntica e espontânea do pensamento. De maneira similar, em nossas investigações, observamos a interação entre Brian e Moisés, que discutiam sobre as negociações de automóveis realizadas por seus pais.

Este diálogo valioso foi capturado com habilidade e integrado aos nossos textos, enriquecendo a narrativa com a autenticidade da expressão juvenil. Limitei-me a ser espectadora, permitindo que a fantasia infantil desenrolasse suas próprias narrativas. Registre essas conversas, convertendo o discurso cotidiano em aprendizados profundos que iluminaram nossa obra com nuances vibrantes da cultura Calon no acampamento Mathias de Quissamã. Este método não só preservou como celebrou a profunda riqueza

cultural encontrada em suas interações espontâneas. Além disso, o estudo desempenha um papel crucial na preservação e na promoção da continuidade cultural, evidenciando como as tradições são perpetuadas e reimaginadas pelas novas gerações. Focando nas brincadeiras, observa-se como os jovens Calon absorvem e reinterpretam os elementos culturais de suas comunidades, assegurando a perpetuação e evolução dessas tradições de formas significativas e pertinentes.

Desvendando a Linhagem: A Herança Ancestral dos Meninos Calon, Brian e Moisés

Maria Patrícia Goldfarb e Luciana de Oliveira (2019) mergulham profundamente na relação entre identidade e memória ao estudar a comunidade cigana Calon em Sousa, Paraíba. Os Calon, após se estabelecerem na década de 1980 devido a alianças políticas que lhes forneceram terras em troca de votos, exploram uma vida sedentária, mas enraizada em uma rica rede cultural de suas tradições nômades.

Este estudo, usando métodos etnográficos, revela como a identidade cigana é continuamente moldada por uma distinção social e cultural. Apesar da sedentarização, a comunidade de Sousa mantém viva a memória de sua história nômade, utilizando-a para enriquecer e adaptar sua existência atual. Esta memória, funcionando em camadas subjetivas e coletivas, fortalece a identidade étnica e suporta as reivindicações sociais e políticas.

Recorrendo a teóricos como Max Weber (1994) e o antropólogo Barth (1998), Goldfarb e Oliveira analisam como elementos tais como: língua, práticas religiosas e cotidianas são cruciais para a coesão comunitária e a demarcação da identidade Calon frente a outros grupos. A pesquisa evidencia que a identidade dos Calon de Sousa não apenas preserva o passado, mas também abraça inovações, refletindo uma resiliência cultural que continua a se desenvolver.

Neste cenário, as brincadeiras de Brian e Moisés são um prisma através do qual podemos observar a prática viva dessa memória e identidade. Estas atividades lúdicas são momentos em que as tradições são não só reproduzidas, mas também transformadas. Enquanto brincam, os meninos reencenam e reinventam os costumes Calon, especialmente o uso de carros, que são frequentemente empregados em negociações e transações no mundo adulto de sua comunidade. Tais brincadeiras servem não apenas como recreação, mas também como campos de treinamento vital para o desenvolvimento de habilidades sociais e econômicas. Engajando-se em jogos que simulam negociações

de carros, eles aprendem e praticam as dinâmicas de troca que observam entre os adultos, reforçando a importância dos veículos como ferramentas de negociação em muitos acampamentos Calon do Brasil.

É importante destacar que a denominação "Calon" não se refere a um único grupo étnico homogêneo. Dentro desse contexto, a análise de Marcos Toyansky (2019) revela a complexidade dessa configuração étnica, evidenciando a existência de diversos subgrupos endogâmicos, cada um possuindo características culturais e sociais próprias que sublinham a diversidade intrínseca às comunidades ciganas. Por exemplo, os Romã, um dos segmentos mais numerosos e disseminados, são célebres por seu rico acervo cultural. Já os Sinti, dispersos por vários países da Europa, mantêm suas tradições particulares, contribuindo assim para o enriquecimento da diversidade cigana.

Os Calon, originários da Península Ibérica e migrantes para a América, especialmente para o Brasil, constituem uma parcela significativa da diáspora cigana. No Brasil, os Calon não apenas se firmaram como também cultivaram uma linguagem de interação própria, integrando o Chibi com o espanhol e o português no seu cotidiano. Essa adaptação linguística é um exemplo de como os Calon têm desenvolvido formas únicas de manter e de expressar sua identidade cultural em um novo contexto geográfico e social.

Durante minhas interações com Disson, Calon de Quissamã, tornei-me consciente de quão crucial é o domínio do Chibi para ser reconhecido como membro legítimo desta comunidade. “Só é Calon quem fala o chibi”. Disson enfatizou a importância dessa língua para a identidade Calon, mas também compartilhou sua preocupação com o declínio do uso do Chibi entre as gerações mais jovens. Ele apontou que, embora o Chibi seja um pilar para a identidade Calon, está sendo menos falado pelos jovens, o que representa uma ameaça à sua preservação.

Adicionalmente, Disson destacou que cada comunidade Calon no Brasil mantém uma variante única do Chibi, o que ilustra a diversidade linguística significativa dentro do próprio grupo. Essa variedade de dialetos não apenas enriquece a cultura Calon, mas também reflete as adaptações e evoluções da língua conforme diferentes comunidades se estabelecem em regiões distintas do país. Este fenômeno destaca a variedade de práticas e de expressões culturais que caracterizam os Calon no Brasil, reafirmando a complexidade e a profundidade de sua identidade étnica e linguística.

Os Calon são notáveis por uma característica vocal distintiva: seu modo de falar é lento e melódico. Essa peculiaridade enfatiza a riqueza cultural deste grupo e sublinha

a urgência de esforços para preservar sua língua e características culturais únicas, especialmente frente ao crescente risco de erosão linguística.

Em relação à língua romani, Isabel Fonseca (1996) reflete sobre a natureza nômade dos Romà, notando a ausência de heróis ou mitos fundacionais que são típicos de uma nação. Ela aponta que, exceto por algumas palavras e frases documentadas por não-ciganos no século XVI, existem poucos registros antigos da língua romani, destacando a importância da tradição oral e da memória viva em culturas onde a documentação escrita é limitada ou influenciada por perspectivas externas.

Igor Shimura⁹ (2023) discute a complexidade das culturas ciganas, criticando a noção de uma "cultura cigana" unificada e simplificada. Ele enfatiza que há uma vasta diversidade entre as comunidades ciganas, cada uma com sua história e características únicas, o que torna o termo "cultura cigana" no singular inadequado e reduutivo. Esta perspectiva ressalta as experiências variadas dos ciganos, demonstrando que eles não devem ser percebidos como um grupo homogêneo.

Moldando políticas de reconhecimento

A importância dos debates sobre políticas afirmativas para os ciganos Calon no Brasil é crucial, considerando a singularidade de suas condições em comparação com outras minorias étnicas. O desenvolvimento de políticas que respeitem e atendam às necessidades específicas dos ciganos é essencial para promover equidade e inclusão. Esses esforços são fundamentais para o compromisso com o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural do país, assegurando que as peculiaridades de cada grupo sejam reconhecidas e atendidas, o que é vital para a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva e justa.

Juliana Miranda Soares Campos (2023) discorre sobre a prática da *catira*¹⁰ entre os Calon em Minas Gerais, enfatizando essa atividade como um sistema de trocas profundamente entrelaçado com as relações sociais e culturais dessa comunidade. A

⁹ Palestra dada pelo autor na XIX RAM (Reunião de Antropologia do Mercosul), na Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 04 de julho de 2023.

¹⁰ O artigo trata da *catira* entre os ciganos Calon de Minas Gerais, também chamada de *breganha*, um sistema de trocas que coloca coisas e pessoas em constante movimento. Argumenta que toda produção de relações entre os ciganos, e entre ciganos e não ciganos, segue a lógica da *catira*, envolvendo sempre um jogo de negociações, um encadeamento de intercâmbios e a produção e a atualização de vínculos entre parceiros.

catira, além de ser um mecanismo econômico, atua como um vetor crucial na formação e manutenção de laços sociais, evidenciando uma complexidade que transcende a mera troca material.

A pesquisa de Campos oferece uma perspectiva ímpar sobre a prática da catira entre os ciganos Calon em Minas Gerais, desvendando-a como um mecanismo multifacetado que se entrelaça inextricavelmente ao tecido social e cultural dessa comunidade. Por meio de uma abordagem etnográfica rigorosa, Campos ilumina como a catira transcende sua função econômica primordial, emergindo como um fulcro vital nas dinâmicas de construção e de sustentação de vínculos sociais.

Ao analisar essas trocas, não apenas em sua materialidade mas como expressões de relações e valores, o estudo destaca a catira como uma arena onde se negociam identidades, honras e poderes, refletindo e reforçando estruturas de parentesco, de aliança e de pertença. Tal compreensão aprofundada da catira, vista através da lente da antropologia econômica, enriquece significativamente o campo dos estudos étnicos, ao mesmo tempo em que lança luz sobre as complexas interações entre economia, cultura e sociedade entre os ciganos Calon, proporcionando reflexões valiosas para a elaboração de políticas públicas sensíveis e informadas.

Em relação a comunidades tradicionais, a análise de Sylvia Caiuby Novaes (2017) sobre povos tradicionais ressalta a complexidade dessa relação com o Estado e o mercado. Enquanto algumas comunidades foram integradas ao mercado como consumidores por meio de políticas sociais, os ciganos muitas vezes ficam à margem dessas políticas. As estratégias que facilitaram o acesso a bens e serviços para algumas comunidades não alcançaram os ciganos com a mesma eficácia, perpetuando desafios significativos decorrentes da falta de reconhecimento formal e de políticas que contemplem suas realidades nômades e culturas distintas.

Neste cenário, ao desconsiderar as particularidades dos Calon, o Estado negligencia seu papel de promover a justiça socioambiental e o respeito pela diversidade cultural e social. A ausência de políticas específicas não apenas perpetua a exclusão e a marginalização, mas também ameaça a capacidade das futuras gerações ciganas de preservar e revitalizar suas ricas e dinâmicas práticas culturais.

O que se pretende com esses escritos é iluminar a cultura lúdica entre as crianças Calon, mostrando como elas perpetuam, reinterpretam e adaptam suas tradições em um contexto global em evolução. Paralelamente, destaca-se uma problemática frequentemente ignorada: a carência de políticas públicas específicas para o povo cigano.

Ao contrário de outros grupos tradicionais, como quilombolas e povos indígenas, os ciganos raramente são incluídos em programas de ações afirmativas que reconheçam sua singularidade e necessidades particulares.

Assim, as brincadeiras das crianças Calon transcendem ser meras atividades recreativas; são manifestações de resistência cultural e afirmação identitária. Por meio do brincar, essas crianças não só interagem com o mundo físico, mas também negociam, de maneira inventiva, espaços para suas práticas culturais em um sistema que frequentemente as exclui. A pesquisa, portanto, sublinha a necessidade urgente de políticas públicas que reconheçam e valorizem a singularidade cultural cigana, assegurando a continuidade e o respeito de suas tradições na sociedade mais ampla.

Ao explorar essas questões, os escritos sobre o brincar Calon buscam sensibilizar e mobilizar acadêmicos e formuladores de políticas, instigando um diálogo essencial sobre a inclusão efetiva e o reconhecimento dos ciganos como uma parte integrante e distinta do tecido social e cultural do Brasil. Desta forma, não apenas documentamos um fenômeno cultural, mas participamos ativamente na luta por reconhecimento e por justiça para um povo que, apesar de sua profunda inserção na história e cultura brasileiras, ainda luta por legitimidade em termos de direitos e de reconhecimento.

Considerações finais brincantes - Qual foi a última coisa que fizemos pela primeira vez?

A obra de Marques (2022) desafia os leitores a refletir sobre suas recentes experiências de descoberta e de aprendizado, uma indagação crucial para entender a dinâmica de vivências novas e singulares. Esse questionamento é particularmente pertinente no contexto da infância cigana, objeto de estudo da pesquisadora, sugerindo uma busca contínua por conhecimento e por experiências inéditas. Esta perspectiva filosófica e educacional ressalta a importância de se manter aberto e curioso, uma postura valorizada por educadores como Paulo Freire (2021), que concebe a educação como um meio de explorar continuamente novos horizontes.

Do ponto de vista antropológico e sociológico, esta abordagem permite examinar as tradições e inovações dentro da cultura Calon. Observar as primeiras experiências realizadas por essas comunidades proporciona uma compreensão aprofundada de como práticas culturais e econômicas são transmitidas, adaptadas e, às vezes, transformadas

pelas novas gerações. Isso é evidente nas crianças, cujas brincadeiras e interações sociais não apenas reproduzem, mas reinterpretam e reinventam essas tradições.

Ademais, o questionamento ressalta a importância do jogo como ferramenta de aprendizagem e inovação na pesquisa sobre infância. Para as crianças Calon, cada atividade lúdica representa uma chance de inovar, reforçando o papel do jogo não só como entretenimento, mas como elemento essencial na educação e no desenvolvimento social.

Além disso, essa reflexão incentiva uma introspecção pessoal sobre o próprio crescimento e as aventuras pessoais. Motiva a indagar quando foi a última vez que tentamos algo novo, aprendemos uma habilidade desconhecida ou nos permitimos ser vulneráveis ao iniciar algo do zero. Este é um convite à vivência plena, buscando sempre novas experiências e conhecimentos.

Respondendo à pergunta inicial: a última experiência inédita que fizemos pela primeira vez foi o estudo de uma comunidade cigana, um grupo ao qual nunca esperávamos que fosse atribuído o nome de Calon.

As brincadeiras de Brian e de Moisés, dois meninos Calon, transcendem o simples lazer; representam uma forma complexa de aprendizado social e cultural. Através do jogo, esses jovens exploram não apenas o mundo físico dos carros, uma ferramenta essencial no cotidiano cigano, mas também as práticas de negociação e de venda, habilidades observadas e aprendidas no convívio com os adultos. Essa imersão lúdica nas práticas econômicas de seus pais permite que Brian e Moisés não só compreendam sua cultura intrinsecamente, mas também perpetuem e adaptem essas tradições de maneira criativa e inovadora.

Em sua essência, a interação dessas crianças com o mundo adulto por meio da brincadeira revela uma adaptação cultural que resiste à homogeneização e valoriza a singularidade de sua herança. Assim, eles não apenas perpetuam, mas também reinventam as práticas comerciais dos Calon, preparando-se para futuros desafios enquanto mantêm viva a chama de seu legado cultural.

Portanto, o estudo sobre as brincadeiras das crianças Calon em Mathias, Quissamã, destaca a vitalidade e relevância das culturas juvenis Calon em contextos econômicos contemporâneos. Eles emergem não como meros participantes passivos de sua cultura, mas como criadores, transformadores e perpetuadores de um legado que desafia estereótipos e reafirma a riqueza da diversidade humana. O futuro desses jovens não é predeterminado; ele é constantemente reimaginado através de suas interações e de suas brincadeiras, demonstrando a vivência e o aprendizado contínuo. Este estudo não só

documenta um fenômeno cultural brincante, mas também participa ativamente na valorização e reconhecimento de uma cultura rica e dinâmica que ensina, de forma prática e simbólica, as nuances de uma vida plena e resiliente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rodrigo da Costa. *Ponderações Primevas: Poesia, Memória e Infância*. In: ARAÚJO, Rodrigo da Costa et al. (Org.). **Leituras em educação**. 1. ed. São Paulo: Opção Livros, 2022. p. 17-38. (Volume 9). ISBN 978-85-93447-37-2.

BARBOSA, Andrea. *Fotografia, narrativa e experiência*. In: BARBOSA, Andrea et al. *A experiência da imagem na etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2016. p. 192-204.

BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

BARTH, F. *Grupo étnicos e suas fronteiras*. In: POUTGNAT, P & STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

BRITES, Luciana. *Brincar é fundamental: como entender o neurodesenvolvimento e resgatar a importância do brincar durante a primeira infância*. São Paulo: Gente, 2020.

CAMPOS, Juliana Miranda Soares. *Tudo é troca: ensaio sobre a catira cigana em Minas Gerais*. Civitas - Revista de Ciências Sociais, [s.l.], v. 23, p. 1-11, jan.-dez. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.43120>. Acesso em: 23 de abril de 2024.

DELORME, Maria Inês. *Criança e natureza nas cidades*. Rio de Janeiro: Baobá, 2019.

FREIRE, Paulo. *Por uma pedagogia da pergunta*. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FERRARI, Florencia. *O mundo passa - uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros*. 2010. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-02082010-191204/publico/FlorenciaFerrari_2010.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2020.

FRIEDMAN, Adriana. *Linguagens e Culturas infantis*. São Paulo: Cortez, 2013.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; Chianca, Luciana de Oliveira. *O passado místico como elemento identitário da coletividade cigana em Sousa, Paraíba*. In: Goldfarb, Maria Patrícia Lopes; Toyansk, Marcos; Chianca, Luciana de Oliveira (Orgs.). **Ciganos: olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 115-125.

HAMMERSLEY, Martyn, Artkinson. *Etnografia: princípios em prática*. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KORCZAK, Janusz. *Quando eu voltar a ser criança*. Tradução de Yan Michalski. 17.ed. São Paulo: Summus, 1981.

MARQUES, Maria Cristina. *O Brincar, a Educação E As Crianças Calon Do Acampamento Cigano De Quissamã, RJ: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens*. 2023. Disponível em : <http://www.btd.uerj.br/handle/1/20206>. Acesso em 23 de março de 2014.

MARQUES, M. C. *Qual foi a última coisa que fizemos pela primeira vez?. desleitura* — Literatura, Filosofia, Cinema e outras artes, [S. l.], v. 8, n. 8, 2022. DOI: 10.26893/desleitura.v8i8.92. Disponível em: <https://desleitura.com/desleitura/article/view/92>. Acesso em: 23 abr. 2024.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. *A infância calon: notas sobre o “ser criança” entre os ciganos no vale do Mamanguape Paraíba/Brasil*. Fragmentos de cultura, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 19-29, jan./mar. 2017.

NOVAES, Sylvia Caiuby. *Imagem, tempo e memória: Entre a exuberância, o vazio e os segredos do conhecimento tradicional. Algumas reflexões sobre os diversos usos de imagens sobre a Amazônia*. In: PEIXOTO, Clarice; COPQUE, Barbara (Orgs.). *Etnografias visuais: análises contemporâneas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 15-27.

PIORSKI, Ghandy. *Brinquedo do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Petrópolis, 2016.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente. Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

SHIMURA, Mário Igor. Palestra XIX RAM (Reunião de Antropologia do Mercosul). Apresentado na Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 4 jul. 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua Magia: trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

TOYANSKY, Marcos. *Identidades cigana: origens, grupos e contextos*. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; BATISTA, Mércia Rejane Rangel (Orgs.). *Dossiê*

Ciganos no Brasil: um exercício de comparação etnográfica. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 17-37, jul./dez. 2018.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.* Brasília: Editora da UNB, 1994.